

14

O negócio da doação

O professor Chaves, pioneiro da Doutrina Espírita, em Uberaba, Minas, foi procurado por prestigioso amigo do campo social, que lhe falou sem rebuços:

— Chaves, agora desejo doar duzentos contos para obras espíritas; entretanto, como você não desconhece, tenho aspirações políticas desde muito tempo.

O distinto educador, sumamente conhecido por sua virtuosa austeridade, guardava silêncio.

E o outro prosseguia:

— Já auxiliei construções espíritas numerosas, mas tudo sem resultado. Tenho apenas recebido ingratidões e mais ingratidões. E' uma lástima. Em toda a parte, mentiras e mentiras. Queria, desse modo...

Como a reticência se prolongasse, Chaves perguntou:

— Queria o quê, meu amigo?

— Desejava a sua palavra empenhada, o apoio de seu prestígio diante dos espíritas, para que me garantissem o voto.

— Nada posso fazer — disse o professor, peremptório.

— Que é isso? — falou o amigo, com ar de censura. — Você prometeu receber-me e atender ao meu problema.

— Pensei que o senhor estivesse tratando de caridade, mas o que francamente procura é a realização de um negócio — disse Chaves, imperturbável.

— Que ideia! — falou o visitante, desencantado. — Entrego duzentos contos, duzentos contos de réis... Que é caridade, então?

Humilde e simples, o professor explicou:

— Caridade é o amor de Deus no coração humano. E esse amor, meu amigo, conforme nos ensina o Espiritismo, não tem preço. Onde é que o senhor já viu alguém pagar a luz do Sol, a bênção do ar, o tesouro do verdadeiro amor ou o espetáculo do céu estrelado?...

— Mas Chaves — disse o outro —, isso é muita filosofia... O que eu desejo é fazer uma dádiva... Para vocês, espíritas, o que vem a ser uma dádiva?...

E o educador respondeu, sereno:

— Dádiva é o bem que a gente faz sem esperar recompensa de coisa alguma.

O político, nervoso, despediu-se e procu-

rou distração num bilhar. E inquirido por alguns correligionários quanto aos resultados da entrevista, deu primorosa tacada e falou que o professor João Augusto Chaves não passava de um louco.



15

O cartaz

— Decididamente, o senhor não serve para o trabalho comercial. Desatende os que nos procuram. Foge aos horários. Discute sem razão. Perde tempo. E lança discórdia em casa... — era Frederico Figner, abnegado espírita e grande comerciante, que falava a empavonado rapaz à porta de conhecido cinema do Rio.

— Mas, Sr. Figner — anotava o moço —, não é possível! Fui expulso de sua firma sem mais nem menos...

— Expulso, não — explicou o negociante, paternalmente —, o senhor foi convidado a seguir sua vocação e está pago pelos serviços que nos prestou, de conformidade com todos os seus direitos.

— Mas eu sou espírita — lamentou-se o ex-empregado.

Figner fitou o grande edifício junto ao qual conversavam, e disse: